

começo, meio e fim. Foi, creio eu, Winston Churchill quem o disse da seguinte maneira: diga o que vai fazer, faça-o, diga o que fez. Talvez você já tenha ouvido isso, e por uma boa razão: trata-se de uma verdade. Além disso, como um primeiro critério de especificação da estrutura de um ensaio, é uma valiosa observação. Mas esse truismo seria objetável se não se dissesse nada mais sobre o que entra na estrutura do ensaio e como o autor pode construir uma. Faz-se necessário um guia mais informativo (veja abaixo) sobre a redação do ensaio.

No guia mais informativo, o primeiro elemento, "diga o que vai fazer", e o terceiro, "diga o que fez", não sofrem modificações substanciais. Eles aparecem a seguir como segmentos I e V, respectivamente. O segundo elemento, "faça-o", no entanto, divide-se em três segmentos, II, III e IV.

A estrutura de um ensaio filosófico

Forma simples

- I Apresente a proposição a ser provada.
- II Apresente o argumento em favor da proposição.
- III Demonstre que o argumento é válido.
- IV Demonstre que as premissas são verdadeiras.
- V Retome de modo conclusivo o que foi provado.

O segmento I, "Apresente a proposição a ser provada", é o começo do ensaio. A proposição a ser provada costuma receber o nome de "frase da tese" ou, de modo mais simples, tese. A tese tem de ser um enunciado como "Justiça é atribuir a cada pessoa aquilo que lhe é devido", assim

como pode ter caráter histórico: "O método da dúvida de Descartes é equivalente ao ceticismo de Sexto Empírico".

Aristóteles disse: "Um discurso tem duas partes: você tem de apresentar sua tese e tem de prová-la". Embora um ensaio não seja propriamente um discurso escrito, aquilo que Aristóteles diz sobre este último pode ser aplicado ao ensaio. A divisão mais básica de um ensaio é a apresentação da tese e a prova dessa tese. A afirmação da tese vem antes da prova. Se você começar o ensaio com a primeira premissa, em vez de começar com a apresentação de sua tese, o leitor terá grandes dificuldades para compreender a relevância da premissa. Um dos motivos disso é que de uma proposição segue-se um número infinito de proposições. (É fácil, porém não relevante aqui, provar isso. Qualquer pessoa que tenha feito um curso de lógica deverá ser capaz de fazê-lo. Quem não fez esse curso pode pedir ao professor, em algum dia chuvoso, que o faça.) Embora virtualmente todas as proposições infinitas possíveis tenham uma probabilidade absurdamente baixa de ser usadas pelo autor, ainda haverá com frequência um número relativamente grande de proposições com uma probabilidade relativamente alta de ser escolhidas; é injusto e irracional que o autor espere que o leitor antecipe quais dessas ele poderá usar.

Compare escrever um ensaio com dirigir um veículo. Se o passageiro não souber o destino, vai ser-lhe difícil lembrar das ruas por onde passou. Se, por outro lado, o destino for conhecido, toda virada à esquerda e à direita, toda placa ou sinal de trânsito serão registrados com relação a esse destino. Como a filosofia pode ser difícil,